

Joana Dias Pereira, Maria Alice Samara e  
Paula Godinho (org.)

**Espaços, redes e sociabilidades**  
**Cultura e política no movimento**  
**associativo contemporâneo**



Joana Dias Pereira, Maria Alice Samara e  
Paula Godinho (org.)

Espaços, redes e sociabilidades  
Cultura e política no movimento  
associativo contemporâneo

2016  
Instituto de História Contemporânea

## **Ficha Técnica**

**Título:** Espaços, redes e sociabilidades. Cultura e política no associativismo contemporâneo

**Coordenação:** Joana Dias Pereira, Maria Alice Samara, Paula Godinho

**Capa e paginação:** Maria Alice Samara

**Edição:** IHC-FCSH/NOVA

**ISBN:** 978-972-96844-7-0

© 2016, Instituto de História Contemporânea.

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade - COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT-Fundação para a Ciência e a tecnologia no âmbito do projecto UID / HIS / 04209 /2013



**FCSH** FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

## Índice

### **Introdução**

- Espaços, redes e sociabilidades. Cultura e política no associativismo contemporâneo  
*Joana Dias Pereira, Maria Alice Samara e Paula Godinho* 6

### **Memória, cultura e resistência**

- Utopía revolucionaria y activismo feminista. Un caso (español) para la reflexión  
*Josepa Cucó Giner* 10
- Espaços, sociabilidades e associativismo: primeiras notas sobre a biografia de  
João dos Reis Antunes  
*Paula Godinho* 26
- Espaços e redes de resistência na Grande Lisboa: a memória da Primeira República  
durante o Estado Novo  
*Maria Alice Samara* 46
- Um olhar sobre a resistência cultural associativa  
*Luís Filipe Maçarico* 62
- Segundas vidas*: fábricas requalificadas e fábricas apropriadas. Contributos para uma  
abordagem comparativa  
*Mariana Rei* 79

### **Associativismo, cooperação e mutualismo**

- As associações de socorros mútuos em Portugal (de finais do século XIX aos anos  
quarenta do século XX)  
*Virgínia do Rosário Baptista* 95
- Alianças resilientes: a ação coletiva institucionalizada no período liberal (1834-1934)  
*Joana Dias Pereira* 107
- Associativismo operário na sociedade liberal (1850-1860)  
*João Lázaro* 127
- Associativismo de «pequenos interesses» no final do século XIX: em Lisboa como  
noutras cidades europeias?  
*Daniel Alves* 136
- Funcionalismo público: associativismo, mutualismo, sindicalismo e desagregação  
(1851-1933)  
*Joana Estorninho de Almeida* 154
- Reflexões sobre o associativismo em Porto Alegre (1930-2012)  
*Pompilio Locks Filho* 163

### **Imprensa e intervenção**

- Redações abertas: fontes informativas e terreno de implantação dos jornais políticos  
*Júlia Leitão de Barros* 187
- Movimento operário brasileiro e o anarquismo no sindicato: divergências e debates em  
*A Voz do Trabalhador* (1913-1915)  
*João Carlos Marques* 206

### **Sociabilidade e participação em rede**

Sindicatos na rede em Portugal. Uma análise da presença na Internet dos sindicatos do setor da saúde

*Paulo Marques Alves e Carlos Levezinho* 217

Mulheres, Internet e o conflito no Sara Ocidental

*Silvia Almenara Niebla* 237

### **Mobilização e acção colectiva**

A ação coletiva à escala individual: casos na AML

*Nuno Nunes, Rita d'Ávila Cachado e Otávio Raposo* 247

Da mobilização à ação: o caso português da iniciativa legislativa de cidadãos contra a precariedade laboral

*Carlos Alves* 265

Post-political elements in the Portuguese anti-austerity discourses

*Jonas Van Vossle* 288

### **Intervenção cultural e educação popular**

As associações de educação popular e a Revolução portuguesa. A educação e a cultura como ferramentas de participação política (1974-1976)

*Pierre Marie* 301

Performance e utopias no teatro de amadores. O grupo de Teatro de Acção Cultural de Almada (1974-1976)

*Dulce Simões* 311

### **Depoimentos**

Crónica de uma luta de emigrantes portugueses em França

“Guerra colonial e contagem de anos de serviço militar para a reforma”

*João Machado* 325

Mémoire Vive / Memória Viva

*Isabel Lopes Cardoso* 343

### **Sobre os autores**

366

## **A ação coletiva à escala individual: casos na AML**

Nuno Nunes, Rita d'Ávila Cachado e Otávio Raposo

### **A ação coletiva à escala individual: um desafio à investigação**

**É** relevante analisar a ação coletiva à escala individual, ou seja, a partir dos seus protagonistas? É inverosímil a centralidade da ação coletiva nas sociedades contemporâneas. Ela assume diversas modalidades, é diversa e multidimensional. Para a sua efetivação, enquanto consagração do exercício de direitos sociais, económicos, políticos e culturais, um conjunto alargado de constrangimentos socioestruturais configuram uma ação coletiva fractal e desigual (Nunes, 2013). Os direitos de ação coletiva (ou de cidadania) não são exercidos de igual forma por todos os indivíduos nas sociedades contemporâneas. A capacitação para a ação coletiva constitui uma questão relevante se o sentido da modernidade for o de uma maior igualdade, justiça e democracia social (Sen, 1995).

Assumindo várias designações transmutáveis, a ação coletiva ocupa um lugar central ao longo das teorias sociológicas, desde os “clássicos” até às teorias contemporâneas. São múltiplos os enfoques relativamente à ação coletiva, desde análises mais estruturalistas até às mais focadas nas identidades. Nos vários paradigmas e teorias que se debruçam sobre a ação coletiva, é variável a presença da escala individual (Della Porta e Diani, 2006; Ruggiero e Montagna, 2008).

No âmbito de uma sociologia da pluralidade disposicional e contextual, proposta por Lahire (2002 e 2005), analisa-se a escala individual da ação coletiva, procurando, primeiro, não perder de vista os contextos e as condições sociais dos indivíduos, e, segundo, decifrem-se as suas disposições sociais para a ação coletiva. Analisam-se conjugadamente os fatores subjetivos e os fatores objetivos que estão presentes na estruturação da ação coletiva, e evidenciados nas trajetórias biográficas de protagonistas de ação coletiva.

A grande inovação de Lahire consiste, precisamente, numa mudança ao nível do objeto de estudo, quando analisa indivíduos singulares, apoiando-se metodologicamente na técnica dos retratos sociológicos, construídos com base em entrevistas aprofundadas, reconstituindo, deste modo, as matrizes incrustadas em cada indivíduo e os diferentes quadros de socialização e de experiências por que estes passam.

O desafio aqui lançado consiste precisamente em compreendermos melhor a ação coletiva a partir da construção de retratos sociológicos de três protagonistas de ação coletiva residentes na Área Metropolitana de Lisboa (AML). Tratam-se de indivíduos engajados em diferentes esferas da ação coletiva, nomeadamente a sindical, a política, a associativa e a cultural-artística.

### **O indivíduo na ação coletiva: teoria**

Uma conceção da relação entre estrutura e ação com lugar para a ação coletiva deverá permitir olhar para a realidade social, em simultâneo, sob uma perspetiva “internalista” do indivíduo e “externalista” dos sistemas sociais (Pires, 2007), contemplando as mediações e redes de relações sociais existentes entre os atores individuais, os seus círculos sociais (Simmel, 1999), relações com atores coletivos e contextos de ação.

Os fenómenos da ação coletiva nas sociedades contemporâneas assumem expressão aos níveis macro-social, meso-social e micro-social (Mouzelis, 1992). É a partir do nível micro-social que a escala individual é intrinsecamente constitutiva dos restantes níveis teórico-analíticos que poderemos construir sobre o objeto ação coletiva.

O desenvolvimento de uma sociologia à escala individual, que aprofunde o espaço interno dos agentes, e suas respetivas escalas meso e macrossociais, enriquecem a análise dos fatores subjetivos e dos fatores objetivos que estão presentes nas dinâmicas da ação coletiva.

Nas teorias da mobilização dos recursos e da ação racional, a ação coletiva é essencialmente caracterizada enquanto ação instrumental e centrada do ponto de vista da capacidade organizativa da obtenção de recursos. Os indivíduos avaliarão

estrategicamente a sua participação e adesão à ação coletiva em função dos seus interesses individuais. A noção de interesse enquanto explicação integrada de ação social, bem como os pressupostos desenvolvidos à volta do “dilema do prisioneiro” (Olson, 1998) constituem os seus argumentos teóricos centrais.

As teorias dos novos movimentos sociais destacam a emergência de novas arenas de conflito e a proliferação e diversificação de movimentos de novo tipo, ligados sobretudo a categorias sociais de cariz identitário. No entender destas teorias, as causas e conflitos culturais tomaram a supremacia sobre as lutas económicas e da desigualdade social. Em contraponto à racionalização do Estado, da economia e da “política convencional”, os cidadãos estarão a formar espaços sociais e políticos autónomos, reivindicativos de “novas gramáticas” para a vida social – o que Habermas (1989) intitula “mundos da vida” – ou sob a perscrutação de valores pós-materialistas, como as teorias pós-modernas reivindicaram (Inglehart, 1977).

Uma teoria da ação coletiva poderá ter muito a ganhar a partir da incorporação da teoria da prática (Bourdieu, 1979) e Crossley é um dos principais autores contemporâneos que mais criativamente tem sabido explorar a profundidade do conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu. A conceção do *habitus* encoraja o estudo dos movimentos sociais e da representação política, como um trabalho coletivo de indivíduos dotados de diferentes intencionalidades e estratégias sociais, indivíduos que, enquanto construtores ativos de protestos e de movimentos sociais, incorporam esquemas de perceção social, recursos e modos de agir derivados da sua incrustação no mundo social. São indivíduos com histórias pessoais, singulares, mas que se inscrevem, igualmente, nas histórias coletivas mais amplas, das quais fazem parte com a sua trajetória de vida (Crossley, 2002).

Crossley sugere o conceito de *habitus militante* (Crossley, 2003) que, associado à biografia individual inscrita na estrutura social, incorpora, objetivamente, os processos históricos e as formas de ação coletiva, e subjetivamente os eventos vividos. Crossley refere-se ao *habitus militante* para demonstrar a influência não apenas dos constrangimentos estruturais, da posição social e das socializações primárias na adesão à ação coletiva, mas procurando, igualmente, explicar os efeitos socializadores (secundários) que a própria ação coletiva poderá ter sobre os indivíduos, ou seja, como ela poderá incrustar-se nos padrões culturais e modos de



vida dos indivíduos, exercendo, assim, influência sobre os seus esquemas de apreciação, de representação e de ação do seu mundo social.

A assunção de determinados reportórios de ação coletiva (Tilly, 2008) reflete as opções (valorativas) dos indivíduos no universo das estratégias possíveis na ação coletiva, ao mesmo tempo que exprime as trajetórias biográficas específicas dos indivíduos em causa. Tais trajetórias são, elas próprias, um fator de estruturação social, igualmente visível no plano das representações e valores que os indivíduos transportam consigo (Almeida *et al*, 2006).

Lahire (2002 e 2005) constitui um autor fundamental para a construção de uma teoria disposicional da ação coletiva (Nunes, 2013; Mouzelis, 2008), uma teoria capaz de analisar a escala individual da ação coletiva – nomeadamente a sua pluralidade disposicional e contextual – e respetivas lógicas de interação social (Costa, 1999). É a partir da pluralidade do *habitus* (Lahire, 2003; Costa, 2007), enquanto sistema de disposições aberto à diversidade das orientações da ação que os indivíduos se posicionam perante a ação coletiva. As disposições para a ação coletiva só podem ser convenientemente problematizadas contemplando as variáveis de natureza biográfica resultantes das trajetórias coletivas e pessoais dos indivíduos.

Longe do modelo das identidades pós-modernas, as biografias tornam-se, então, cada vez mais complexas, atuando (pluralmente) dentro de um campo finito de possibilidades (Velho, 1994). No âmbito de uma sociologia da pluralidade disposicional e contextual, é possível a apreensão da variação disposicional, consoante as esferas de socialização estruturais e culturais que caracterizam uma determinada trajetória de vida. Assumir a complexidade interna de cada ator, implica abordar a singularidade individual sem esquecer que se trata de sujeitos socializados, que se encontram na interseção de diferentes esferas e forças sociais (Lopes, 2012).

A estruturação de determinados contextos sociais conduz a específicos “quadros de interação” (Costa, 1999), ativados nas dinâmicas da ação coletiva, e sob os quais se mobilizam os *habitus militantes* e participam os atores coletivos nos jogos sociais dos campos. São os “quadros de interação” que manifestam os sentidos e as identidades (plurais) dos indivíduos face às opções para a ação coletiva (ou ausência dela); e a economia de bens simbólicos (Bourdieu, 2000), presente na interação social, constitui fonte de ativação ou de desativação de disposições para a ação coletiva.

É a partir da pluralidade do *habitus militante*, que o indivíduo se posiciona perante os grupos sociais e os atores coletivos dos campos sociais. A ação coletiva não é uma simples agregação dos interesses pessoais, sendo através dos atores coletivos que são mediados, traduzidos e sincronizados os objetivos e os esforços coletivos dos indivíduos (Mouzelis, 2008).

### **Metodologia**

Este artigo tem por base o projeto de investigação “Localways – Trajetos de Sustentabilidade Local: mobilidade, capital social e desigualdade” (PTDC/ATP-EUR/5023/2012). Uma das suas componentes consistiu na realização de entrevistas aprofundadas a doze agregados familiares da AML, e que incidiram sobre os concelhos de Alcochete, Odivelas e Oeiras. Deste universo, seleccionámos três casos de indivíduos com saliente ação coletiva.

Nessas entrevistas, baseámos-nos na biografia sociológica, um instrumento metodológico central das propostas de Bernard Lahire. Com este método, é possível a exploração das potencialidades de uma sociologia à escala individual, pela ativação da técnica teórico-metodológica dos retratos sociológicos.

A metodologia dos retratos sociológicos que aqui é explorada permite o entrecruzamento das esferas da ação coletiva com outras esferas da vida social dos indivíduos entrevistados, imbrincadas na malha densa e complexa das disposições sociais, propensas a práticas de ação coletiva.

Os retratos sociológicos de Francisco Andrade, José Martins e David Vargas (pseudónimos) refletem a singularidade de três percursos de ação coletiva, diferenciados entre si, como quaisquer outras biografias, mas unidas pela partilha, simultaneamente plural e diversa, de protagonismos de ação coletiva.

### **Francisco Andrade: dominação e resistência**

Francisco Andrade tem um percurso de vida muito plural, recheado de episódios passíveis de análise sociológica. Nascido em 1960, é o irmão do meio com

oito mais velhos e nove mais novos, numa família transmontana de origens muito pobres. O seu pai iniciou a atividade laboral nas Minas do Vale do Gato, entre 1946 e 1950, foi depois carvoeiro e trabalhou à jorna numa quinta, tal como a mulher, para um patrão que tinha um conjunto de propriedades na zona de Sabrosa, perto de Vila Real. A penúria era acentuada, e os pais de Francisco por vezes “*deixavam de comer para dar aos filhos*”. Feita a quarta classe, cujo exame representava um evento social importante na vida – o Francisco relembra ter vestido calças novas, camisa nova e sapatos, o pai pediu-lhe logo para o ajudar no trabalho. Esta situação ficou-lhe marcada e, mais tarde, quando veio para Lisboa, voltou aos estudos para continuar a sua escolaridade, idealmente até ao 12º ano.

*“Tinha 11 anos quando saí da escola. A minha mãe toda contente quando acabei a 4ª classe, olha ó Manel, o Francisco conseguiu fazer o exame. Nesse dia estreei os meus sapatos, que a gente ou andava descalços ou de socos de pau. Com umas calças de tirilene verdes, uma camisa de seda, eram 3 da tarde quando venho da prova oral, um dia antes de fazer os 12 anos, em 1971, e então o meu pai mandou parar as vacas... e chegou ao pé de mim, “agora vai tirar essa roupinha e vai para a frente das vacas”, e lá fui até anoitecer. Comecei a trabalhar ali, dali fui para a quinta mãe, tomar conta dos animais.” (Francisco Andrade, 54 anos, Odivelas, entrevista 21/10/2014)*

O “bichinho” da ação coletiva por parte de Francisco veio de trás, logo desde tenra idade, sobretudo através da perceção das condições laborais em Trás-os-Montes e também das desigualdades de tratamento entre classes sociais. Vejamos este excerto, que a nosso ver ilustra bem esta marca na sua trajetória de vida:

*“O meu pai (...) foi trabalhar ao preço da uva mijona, ganhava 1000 escudos. É interessante porque aos outros dava 1700 escudos e ao meu pai só dava 1000. Porque o meu pai tinha 17 filhos, e recebia abono, e eles descontavam o abono. Eu até, quando tinha 10 anos, apercebi-me. Por isso é que tenho esta minha revolta. O patrão (...) tinha 3 cavalos para passeio e 2 jipes (...). [Um dia] apareceu de cavalo branco e nunca mais me esqueço. Então o meu pai disse, “você compreenda, dá-me só mil escudos” e ele com uma grande lata, “ó Manel”, porque ele tratava assim porque era da infância do meu pai, “mas tu porque é que estás assim com, qual é o problema, não tens como dar comer à canalha? Manda a canalha à Maria das Dores, que era a quinta mãe, onde faziam a comida. (...) A canalha era os miúdos. “É o caraças”, disse o meu pai, “se tiver dinheiro também compro as coisas e também me sei governar”. E uma mulher que estava lá, então quer matar a fome aos filhos, ainda é pobre e*

*com soberba... Mas ele estava a exigir o que tinha direito. Estava a tirar-lhe 700 escudos! Porque o resto devia ser segurança social, por isso é que me deixou assim.” (Francisco Andrade, 54 anos, Odivelas, entrevista 21/10/2014)*

Além de trabalhar nas quintas com os pais, ainda em Trás-os-Montes trabalhou na construção civil entre a altura do 25 de Abril e o início dos anos 1980, correspondendo a uma época em que muitos transmontanos emigrados em França começaram a construir casas nas aldeias de origem, impulsionando a construção civil e alargando o leque de profissões dos assalariados. Em 1983 rumou a Lisboa e continua a trabalhar na construção civil. A primeira casa foi num bairro de construção informal carenciada, perto de Benfica, a Azinhaga do Ramalho, nas Laranjeiras, onde viveu cerca de três anos. Ao fim desse tempo consegue ir viver para perto de uma irmã que vivia no atual concelho de Odivelas, na altura ainda Loures, em Famões, numa casa alugada. É lá que consegue fazer o secundário, embora não tenha terminado o 12º como pretendia. E é também em Famões que envereda na ação coletiva, de várias formas, primeiro através das listas para uma Junta de Freguesia e pouco mais tarde numa coletividade local, que ajuda a fazer renascer e a dar vida durante mais de uma década:

*“Eu estava na escola, estava lá um camarada que disse que estavam a fazer uma lista para a freguesia e pronto. E então, por participar, desisti da escola. Quando foi das eleições, ganhámos a freguesia de Odivelas, e na coletividade tinha havido uma desavença na direção e estive dois, três anos sem funcionar. A coletividade era só de convívio, bailaricos, torneios de futebol. Mas como ganhámos as eleições, um dos meus camaradas diz-me assim “temos de começar a nível do movimento associativo a fazer qualquer coisa”. E então a gente era para irmos e então vamos, e com o apoio da Junta, que o presidente dava-nos força e eles, “então vocês avancem e reativem as coletividades”, porque havia uma coletividade de 1937, uma coisa muito antiga e era para recomeçar.” (Francisco Andrade, 54 anos, Odivelas, entrevista 02/12/2014)*

Ao nível profissional, Francisco Andrade passou a trabalhar para a Junta e para o município, sempre como pedreiro. As condições socio-económicas, de resto, pautam sempre a sua vida, mesmo durante a sua experiência de presidente de uma associação. O relato seguinte deu-se durante uma saída dos jovens atletas da coletividade:

*“Cheguei a ter uma equipa de 47 atletas (...). O meu subsídio de férias ou de natal, muitas vezes era para calçar os miúdos de ténis. Uma vez numa corrida em Torres Vedras havia uns miúdos sem ténis. Às tantas há lá um sujeito que diz, vá lá ao supermercado. Custaram parece que 1000 escudos os dois pares. Cheguei 5 minutos antes da prova começar. Quando trago os ténis aos miúdos foi uma festa, um deles ficou em primeiro lugar, com uma satisfação! Então ia chegar a casa e dizer aos pais que não correram?!” (Francisco Andrade, 54 anos, Odivelas, entrevista 02/12/2014).*

Importa finalmente dizer que, além do interesse em ajudar os jovens dos bairros carenciados, que era no fundo uma das principais funções da coletividade que dirigiu, as relações de amizade e de camaradagem com os seus associados ganham particular relevância e, arriscamo-nos a dizer, anda a par do fator da cidadania nas disposições para a ação coletiva. Terminamos por isso com o relato de um episódio caricato que Francisco recorda por ser uma situação que os seus amigos estão sempre a relembrar:

*“Foi num aniversário do clube. Naquela altura pensámos, vamos fazer uma coisa fora do comum, e então lembrei-me que na minha terra se fazia, e ‘bora lá fazer uma matança do porco. Um camarada sabia quem tinha uns porcos em Dona Maria que até os matava, e eu, “não, o porco tem de ser morto aqui”. Comprei eu o porco, (...) omos buscar o porco de madrugada, porque era proibido. Prendi o porco numa pata lá no coreto. Alguém disse que íamos matar o porco, já todos se amontoavam, a arranjar lugar para verem matar o porco, os miúdos. Há lá uma que não gostou da brincadeira, chamou a polícia, às tantas (...) telefonam-me, “é pá está aqui a polícia por causa do porco, dizem, então o porco, vão matar o porco”, e eu, “então mas o porco é criado é para quê?”. Eles, “olhe nós recebemos uma queixa e não podem matar o porco, ou matem, mas não pode ser à vista, arranjem um sítio, nós vamos embora, vamos simular que há um assalto na Romeira, depois quando chegarmos, se nos chamarem ele já está morto, mas não o matem aqui à frente”. (...) Pagavam 500 escudos quem não era sócio. Fez-se uma data de sócios. Dávamos a carne e eles punham a assar.” (Francisco Andrade, 54 anos, Odivelas, entrevista 02/12/2014).*

### **José Martins: a dedicação ao associativismo popular**

Se o caso de Francisco ajuda a retratar uma trajetória de vida de alguém que vem do contexto nordestino de Portugal, como vimos relatando uma vida marcada

pela pobreza e com episódios pessoais que contribuíram para a sua percepção sobre as desigualdades sociais, o caso de José Martins retrata a vida de alguém que vem do Alentejo para a Margem Sul do Tejo e que é marcado pelo 25 de abril e pela reforma agrária onde o pai participou, um contexto socio-político importante para o seu associativismo e, de forma geral, para a ação coletiva.

*“O meu pai era assim uma pessoa muito ativa, ainda fez parte da direção lá da Casa do Povo e daquelas coisas... mas só que tinha que fazer aquilo que os outros queriam. Depois quando se deu o 25 de Abril e se criou a reforma agrária o meu pai fez logo parte daquilo e eu também mas eu depois vim-me logo embora e pronto (...).” (José Martins, 60 anos, Alcochete, entrevista 04/12/2014).*

José Martins nasce na aldeia de Brotas, concelho de Mora, no Alentejo, em 1954. Fez a quarta classe e trabalhou desde menino a guardar gado, em cozinhas, na apanha da azeitona, na tosquia das ovelhas, espelhando o trabalho sazonal com grande abrangência entre os alentejanos que, sob baixos salários e em condições laborais muito deficientes, assim trabalharam até ao 25 de Abril. O trabalho sazonal não acabou, nem as más condições de trabalho, mas algumas conquistas foram celebradas desde o fim da ditadura. Além da participação do pai na reforma agrária, também ele tem um episódio que recorda muitas vezes, e que retrata a sensação da injustiça do exercício do poder das autoridades sobre as populações que lutavam pela melhoria das condições de vida:

*“Quando foi a primeira propriedade, o Lobo do Paço, estava lá eu e a minha mulher. Eles foram com a GNR, bateram nas pessoas. (...) A guarda estava do lado de lá da Ribeira e nós estávamos do lado de cá e eles deram ordem para a gente ir embora. E eu digo para a minha mulher “isto vai dar porrada”, aquilo era arroz de um lado e canteiros do outro lado da estrada. Quando eles dão em avançar, digo para a minha mulher, “não te metas na estrada! Tu fuge para os canteiros do arroz” porque eles estavam a cavalo nos cavalos. E o arroz, aquilo tem uns combros grandes, e os cavalos não podem andar lá em cima, escorregam. E eu disse assim para a minha mulher “a mim ninguém me apanha, nem um guarda me há-de apanhar”. Eles vão dar porrada e a gente vai fugir. Tu foges para os canteiros de arroz, não vais para a estrada.” Quem se meteu na estrada apanhou porrada. Quem se meteu no arroz safou-se.” (José Martins, 60 anos, Alcochete, entrevista 04/12/2014).*

José casou com 19 anos e decide, com a mulher, rumar à Grande Lisboa para melhorar as condições de vida. É fácil perceber: se num momento, no Alentejo, José ganhava quatro contos (20 euros), pouco depois de chegar a Lisboa passa a ganhar o dobro. A mulher começa por trabalhar numa fábrica de flores no Montijo, e depois na seca do bacalhau em Alcochete, trabalho que deixou quando o negócio parou, em 2001. José envereda na Rodoviária, atual Transportes Sul do Tejo, onde começa por ser cobrador e depois passa a motorista, profissão que continua a exercer na atualidade. Os primeiros quatro anos vivem no Montijo e depois compram casa em Alcochete, no concelho vizinho, onde ainda residem, perto das duas filhas, que depois de adultas continuam a morar no município. José, praticamente desde que começou a trabalhar na empresa de transportes que se sindicalizou, iniciando a sua participação política, a sua ação coletiva, inscrevendo-se e participando na Comissão de Trabalhadores do Sindicato dos Rodoviários de Setúbal (FESTRU):

*“Fui tudo. Primeiro fui delegado sindical. 1976 foi quando fui para ali. Mais ou menos em 1980 fui da comissão de trabalhadores, fui dirigente sindical e fui delegado sindical.” (José Martins, 60 anos, Alcochete, entrevista 04/12/2014).*

Ao ir morar para Alcochete, associou-se ao Vulcanense, uma coletividade com grande inserção local, de cariz popular, voltada para o desporto e para as sociabilidades. José exerceu vários cargos dirigentes e mantém uma forte colaboração e participação na gestão do Vulcanense, manifestando grande orgulho nesta associação:

*“Não tem dívidas. Não deve nada a ninguém. Pode ser publicado, escrito. Temos muitos atletas, mas antigamente eram geridos de uma maneira e agora são doutra. Porque a fatura traz tudo e a crise traz pouco. E temos que gerir. Tínhamos atletismo, mas o atletismo morreu a nível nacional, quer queiramos quer não. Aqui o Montijo tinha muito atletismo, o Imparcial, Bairro da Caneira, o Estrela do Afonsoeiro, Areias e hoje zero. Vira-se para outras modalidades. Também não havia o Karaté e hoje existe. Temos 40, 50, 60 a praticar Karaté. Também não havia o ténis. Hoje há. Ainda este fim-de-semana houve um torneio, organizado pela sociedade de ténis, vieram atletas de todo o lado. Temos o Kick box, o Hai Ki Du, outras como o cicloturismo. Tínhamos o andebol. Também é uma que acabou. Mas não no Vulcanense, acabou no distrito de Setúbal. Ainda no ano passado, em 2013, tínhamos equipas*

*que iam jogar para Salvaterra, Torres Novas, Distrito de Santarém, porque não havia sítio para jogar em Setúbal.” (José Martins, 60 anos, Alcochete, entrevista 04/12/2014).*

Mas importa voltar ao momento de entrada no Vulcanense. A situação, como é revelado no excerto seguinte, reflecte como a proximidade com outras pessoas que provêm da mesma zona de origem pode ter influência no reforço da ação coletiva:

*“Havia um rapaz que é de Mora. Nessa altura ele fazia parte da direção e eu já era amigo dele lá e ele convidou-me para fazer parte dos corpos gerentes. Aceitei, depois fui indo, fui indo.” (José Martins, 60 anos, Alcochete, entrevista 04/12/2014).*

Finalmente, tal como aconteceu no caso do Francisco Andrade, também para José, a manutenção da participação local e, em termos gerais, a insistência na ação coletiva depende da força das sociabilidades que esta potencia. O curto relato seguinte espelha, a nosso ver, esta ideia:

*“Enquanto a gente não tiver uma coletividade, uma casa que seja, onde a gente possa reunir e conversar e enfim, para mim não tem aquela coisa” (José Martins, 60 anos, Alcochete, entrevista 04/12/2014).*

### **O engajamento cidadão de David Vargas**

Desde novo, David Vargas, 21 anos, envolveu-se em atividades nos domínios do desporto, da arte e da política. Ainda criança praticou karaté, judo, natação e futsal, período em que morava na Damaia com os pais. Foi nesta freguesia do Concelho da Amadora onde viveu a infância e construiu sólidas amizades que até hoje perduram. Mudou-se com a família – pais e o irmão – para Odivelas em 2005, motivados pela busca de uma melhor qualidade de vida. Cansados das repetidas situações de insegurança vividas na Amadora, encontraram numa nova urbanização, em Odivelas, o conforto e a tranquilidade que desejavam. Esta mudança não impediu que David continuasse a frequentar a Damaia, principalmente após voltar para uma escola secundária daquela zona.



A crise económica mundial de 2008 foi particularmente ruínosa para David Vargas, tendo coincidido com a separação dos pais. O salário de professora da mãe passou a ter de assegurar a totalidade das despesas do agregado familiar, uma dificuldade agravada pelo desemprego do pai e pelo pagamento ao banco do empréstimo à casa recém-adquirida. A necessidade deles reajustarem (e cortarem) um conjunto de despesas do dia-a-dia tornou David mais sensível aos problemas sociais e económicos. Não obstante, esta temática era próxima da vida de David. Desde criança que os pais incentivaram-no a ter uma visão crítica sobre a sociedade, seja através de conversas quotidianas, seja por via do estímulo às artes: literatura, cinema, teatro. Antigo militante da associação política União Democrática Popular (UDP), o seu pai costumava leva-lo às marchas do 25 de Abril e do 1º de Maio, momento em que vinham à tona ideologias e padrões culturais que valorizavam a ação coletiva, entendida como instrumento de transformação social. Como recorda David:

*Eu sempre acompanhei o meu pai às marchas do 25 de Abril e do 1º de Maio. Era quase um ritual... Mas era interessante. Ele muitas vezes ia se encontrar com os antigos companheiros em almoços, e havia sempre muita conversa e música de intervenção. O meu pai pôs em contacto com a música de intervenção desde pequeno. E isso, de alguma forma, despoletou a minha consciência (David Vargas, 21 anos, Odivelas, entrevista 15/10/2014).*

Após três anos numa escola em Odivelas, David Vargas optou por voltar a estudar na Damaia, para onde o seu pai regressou depois do divórcio. Este foi um período de intenso crescimento pessoal e experimentação, quando participou de oficinas de teatro, organizou debates e integrou um coletivo de comunicação, responsável por editar um jornal escolar. A criação de uma lista para concorrer à Associação de Estudantes assinala um período em que se tornou muito ativo politicamente, quando mobilizou amigos para um processo eleitoral que já não acontecia há dois anos na sua escola. Venceram as eleições como única lista candidata, o que lhes permitiu melhores condições para organizar atividades de interesse dos estudantes. Um dos debates de maior sucesso abordou o racismo, uma temática importante numa escola em que parte significativa dos estudantes são negros.

Houve dois momentos na vida de David que nos ajuda a compreender a sua imersão em práticas de ação coletiva de cariz artístico-cultural e político. O primeiro ocorreu no princípio da sua trajetória pelo ensino secundário, quando participou numa

grande mobilização estudantil. Por todo o país, os estudantes revoltavam-se contra as aulas de substituição e o fim das faltas justificadas. Ver os seus colegas fazerem um cordão humano para impedir que alunos e professores entrassem na escola e, posteriormente, seguir em protesto até à Assembleia da República foi um acontecimento que o marcou bastante.

*Houve em 2008, no meu 10º ano, uma grande mobilização de estudantes, a maior manifestação de estudantes do ensino secundário dos últimos 5 ou 10 anos... Enfim, eu não tinha ainda grande consciência política na altura, mas pensar nisso foi uma coisa impressionante. (...) Chegar à escola e ver um cordão humano, ninguém passava, nem deixavam as pessoas entrar nem nada. Éramos na boa umas 60 pessoas da minha escola. Apanhámos o autocarro para o Marquês de Pombal. Bem, chegámos lá, enfim, a manifestação foi brutal. Isso foi um acontecimento que me marcou bastante na altura (David Vargas, 21 anos, Odivelas, entrevista 15/10/2014).*

O segundo momento prende-se com as eleições legislativas de 2009, quando o seu pai se tornou um dos responsáveis pela campanha eleitoral do Bloco de Esquerda (BE) na Amadora. David passou a acompanhá-lo em diversas atividades do partido, uma influência decisiva para o seu engajamento político-cidadão. A filiação ao BE surgiu naturalmente. Tornou-se um militante frequente nos encontros e reuniões partidárias, tendo participado como delegado no Congresso de Jovens do Bloco de Esquerda integrado a uma das correntes que disputavam os rumos dessa organização. O aprofundar dessa ligação fê-lo incorporar um conjunto de valores, ideologias e esquemas de apreciação/representação do mundo social encorajador de um *habitus militante* (Crossley, 2003). Essa socialização política o pôs em contacto com múltiplos repertórios de ação coletiva, estimulando David para o agir político. É nesse contexto de militância que surge a vontade de construir uma lista para a associação de estudantes na sua escola.

*Houve uma Conferência de Jovens do Bloco de Esquerda em que eu fui delegado (...) Exatamente nessa altura continuo a ir às reuniões e começo a pensar em tentar organizar coisas na minha escola. Então, influenciado por aquela dinâmica de estar a participar ativamente, começámos a organizar uma lista para a associação de estudantes no início do 12º ano (David Vargas, 21 anos, Odivelas, entrevista 15/10/2014).*

A entrada na licenciatura de Comunicação Social na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL) permitir-lhe-ia ampliar as experiências artísticas e políticas. Logo no 1º ano integrou o grupo de teatro da faculdade e tornou-se um dos principais dinamizadores de uma lista para concorrer à Associação de Estudantes. Embora tenha perdido as eleições na 2ª volta, parte do grupo envolveu-se no Jornal *O Grito*, aproveitando a dinâmica de discussão político-cultural criada durante o processo eleitoral. Nos dois anos seguintes, David continuaria a participar de listas para a Associação de Estudantes da FCSH, e envolver-se-ia também com o universo audiovisual.

Integrar uma lista independente para concorrer à freguesia das Águas Livres nas Autárquicas de 2013 foi um marco na sua militância política, dado ter sido a primeira vez que participava como candidato para órgãos governamentais portugueses. David foi um dos protagonistas dessa lista – Movimento Independente das Águas Livres<sup>1</sup> (MIAL) –, pois conhecia muitos jovens que moravam naquela área.

*O facto de conhecer bastante gente e ter feito lá intervenção, acabei por ser um dos candidatos deste movimento independente. (...) Durante a campanha tentámos falar com as pessoas, organizámos um debate com jovens, com amigos meus, e explicámos porque é preciso intervir, sem ficar a dizer “votem em mim de quatro em quatro anos”. E tivemos resultados bastante positivos: conseguimos eleger uma pessoa para a freguesia (David Vargas, 21 anos, Odivelas, entrevista 15/10/2014).*

A experiência laboral de David circunscreveu-se a trabalhos temporários e precários exercidos durante as férias da faculdade: vendedor numa loja de óculos escuros num centro comercial de Lisboa, apanha da pera no Bombarral e copeiro num bar do Bairro Alto. Recentemente, trabalhou como assistente de produção em documentários, uma área profissional que ele aspira ingressar no futuro. Não é por acaso que está a cursar o mestrado em Cinema, aventurando-se na realização de um documentário sobre a demolição de casas e o desalojamento de famílias num bairro da Amadora.

Desde que iniciou o mestrado, a participação política perdeu o vigor de outrora: deixou de militar em partidos políticos e abandonou o movimento estudantil.

---

<sup>1</sup> Passou a haver uma única freguesia para a Damaia, Buraca e Reboleira: Águas Livres.

Contudo, o engajamento cívico continua ativo, e interliga-se ao universo artístico-cultural de alguns dos seus projetos mais recentes. Esta conexão está patente no documentário sobre a habitação que está a realizar, nas atuações teatrais que protagoniza e nos textos jornalísticos que publica. Na arte ou na política, a ação coletiva é parte integrante do percurso biográfico de David. Ambas as esferas estão implicadas em formas inovadoras de participação político-cidadã, e potenciam subjetividades alternativas que estão constantemente a conferir novos sentidos existenciais à vida de David.

### **Considerações finais: a ação coletiva no percurso biográfico**

Os casos analisados, ou seja, os retratos sociológicos de Francisco Andrade, José Martins e David Vargas, permite-nos perceber o modo como os contextos sociais influenciam o seu percurso biográfico enquanto protagonistas de ação coletiva, que as socializações constituem matrizes indutoras de disposições sociais para a ação coletiva, e finalmente, que se verificam determinadas lógicas de interação coletiva que são constantes nos percursos biográficos dos nossos entrevistados.

Os nossos retratos sociológicos constituem exemplos passíveis de serem integrados em perfis de ação coletiva operantes no espaço social da AML. Francisco Andrade, José Martins e David Vargas representam três gerações diferentes de residentes na AML, e com trajetórias de vida igualmente diferenciadas entre si, relativamente a estratégias migratórias, trajetórias de mobilidade residencial, condições e modos de vida, redes de sociabilidade, relação com o contexto local e inserção em atores coletivos.

Constituem trajetórias de ação coletivas multiparticipadas, atuantes em contextos de ação coletiva sindicais, estudantis, culturais-artísticos, associativos e em partidos e movimentos políticos. Tratam-se de protagonistas de ação coletiva com forte inserção nos seus contextos locais, estes, em si mesmo, heterogêneos entre si no interior da AML.

As suas disposições para a ação coletiva refletem os seus processos de socialização familiar, escolar, laboral, sociopolítico e simbólico-ideológicos. Estamos perante retratos sociológicos que partilham valores e universos simbólicos

fomentadores de disposições ativas face às desigualdades e as injustiças sociais. Acontecimentos marcantes na história coletiva e pessoal despoletam e justificam a sua ação coletiva, cujos *habitus militantes* incorporaram as desigualdades e as situações consideradas como injustas.

A ação coletiva à escala individual é vivida em contextos de intensas sociabilidades, que de alguma forma, alimentam as próprias razões para o agir coletivo tão presente nas suas vidas. Está presente a ligação identitária a passados e atuais locais de residência, muitas vezes justificativa de envolvimento associativos e políticos, (re)construtura de círculos sociais amicais, culturais-artísticos e institucionais.

## Bibliografia

- ALMEIDA, João Ferreira de; MACHADO, Fernando Luís; COSTA, António Firmino da, 2006, “Classes sociais e valores em contexto europeu” in J. Vala & A. Torres (Orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais: 69-96.
- BOURDIEU, Pierre, 1979, *La Distinction*, Paris, Editions de Minuit.
- , 2000, *Propos sur le Champ Politique*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- COSTA, António Firmino da, 1999, *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Lisboa, Celta.
- , 2007, “Os desafios da teoria da prática à construção da sociologia” in José Madureira Pinto & Virgílio Borges Pereira (Orgs.), *Pierre Bourdieu. A Teoria da Prática e a Construção da Sociologia em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento: 15-29.
- CROSSLEY, Nick, 2002, *Making Sense of Social Movements*, Berkshire, Open University Press.
- , 2003, “From reproduction to transformation: social movement fields and the radical habitus”, *Theory, Culture & Society*, 20 (6): 43-68.
- DELLA PORTA, Donatella & DIANI, Mario, 2006, *Social Movements: An Introduction*, Oxford, Blackwell Publishers.
- HABERMAS, Jürgen, 1989, *The Structural Transformation of the Public Sphere. An Inquiry Into a Category of Bourgeois Society*, Cambridge, Polity Press.
- INGLEHART, Ronald, 1977, *The Silent Revolution. Changing Values and Political Systems among Western Publics*, Princeton, NJ, Princeton University Press.
- LAHIRE, Bernard, 2002, *Portraits Sociologiques. Dispositions et Variations Individuelles*, Paris, Nathan.
- , 2003, *O Homem Plural. As Molas da Ação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- , 2005, “Patrimónios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49: 11-42.
- LOPES, João Teixeira (Org.), 2012, *Registos do Ator Plural: Bernard Lahire na Sociologia Portuguesa*, Porto, Edições Afrontamento.
- MOUZELIS, Nicos, 1992, “The interaction order and the micro-macro distinction”, *Sociological Theory*, 10 (1): 122-128.
- , 2008, *Modern and Postmodern Social Theorizing*, Cambridge, Cambridge University Press.
- NUNES, Nuno, 2013, *Desigualdades Sociais e Práticas de Ação Coletiva na Europa*, Lisboa, Editora Mundos Sociais.
- OLSON, Mancur, 1998, *A Lógica da Ação Coletiva. Bens Públicos e Teoria dos Grupos*, Oeiras, Celta Editora.
- PIRES, Rui Pena, 2007, “Árvores conceptuais: uma reconstrução multidimensional dos conceitos de ação e de estrutura”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 53: 11-50.
- RUGGIERO, Vincenzo & MONTAGNA, Nicola (Orgs.), 2008, *Social Movements. A Reader*, London and New York, Routledge.

SEN, Amartya, 1995, *Inequality Reexamined*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.

SIMMEL, Georg, 1999, *Sociologie. Études sur les Formes de la Socialisation*, Paris, Presses Universitaires de France.

TILLY, Charles, 2008, *Contentious Performances*, Cambridge & New York, Cambridge University Press.

VELHO, Gilberto, 1994, *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Edições.

## Sobre os autores

### **Carlos Alves**

Professor. Investigador Associado no Observatório Político. Mestre em Filosofia Política. Doutorando em Ciência Política, especialidade de Teoria e Análise Política, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.

### **Carlos Levezinho**

Licenciado em Cinema, Vídeo e Comunicação Multimédia pela ULHT e em Sociologia pelo ISCTE-IUL. Frequenta atualmente o Mestrado de Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação do ISCTE-IUL. Com interesses de pesquisa nos domínios dos estudos de comunicação, tecnologia e sociedade; cultura e indústrias criativas e trabalho e profissões criativas.

### **Daniel Alves**

Professor Auxiliar no Departamento de História da FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, e investigador no Instituto de História Contemporânea. Tem um doutoramento em História Económica e Social Contemporânea, com uma tese sobre lojistas e política no final da monarquia. Entre outras publicações, tem artigos em revistas científicas nacionais e estrangeiras sobre História Económica e Social, História Urbana e Humanidades Digitais.

### **Dulce Simões**

Doutorada em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/NOVA e bolsreira pós-doutoral da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É membro do INET-md (FCSH/NOVA), do Grupo de Estudos Sociales Aplicados da Universidad de Extremadura e da Red Ibero Americana Resistencia y Memoria (RIARM). Como investigadora interessa-se por usos políticos da memória e práticas da cultura.

### **Isabel Lopes Cardoso**

Historiadora e historiadora de arte. Investigadora independente. Membro fundador da associação Mémoire Vive/Memória Viva (Paris). Ex-professora da Associação Cultural de Estudos Portugueses (Paris). Colabora com o Instituto de História Contemporânea (IHC) da FCSH, Universidade Nova de Lisboa e com o Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora. Ex-bolsreira FCT (PhD e PD).

### **Joana Dias Pereira**

Investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea. Doutorada pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas com uma tese subordinada ao tema *Produção Social da Solidariedade Operária: o caso de estudo da Península de Setúbal (1890-1930)*. Actualmente centra a sua investigação na evolução das instituições para a ação coletiva portuguesas no período contemporâneo (séculos XIX e XX).



**Joana Estorninho de Almeida**

Doutorada em Sociologia Histórica pelo ICS, UL. Tem trabalhado sobre a Administração Pública em Portugal e na Europa na transição da idade moderna para a época contemporânea, particularmente sobre a relação entre práticas burocráticas e representações sobre o Estado. É investigadora no CEDIS, FD, UNL e no IHC, FCSH, UNL.

**João Carlos Marques**

Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) Londrina-Paraná, Brasil, Doutorando em História Moderna e Contemporânea pelo ISCTE-IUL, bolseiro CAPES/Brasil.

**João Lázaro**

Licenciado em História (2010) e Mestre em História Moderna e Contemporânea, na especialidade de Política, Cultura e Cidadania (2013) pelo ISCTE-IUL. Autor dos livros *O Republicanismo na Póvoa de Santa Iria na Alvorada do 5 de Outubro de 1910* (edições Associação Dom Martinho) e *O Despontar do Movimento Operário Português na Esfera Pública* (Chiado Editora). Bolsheiro de doutoramento pela FCT acolhido no CIES-ISCTE-IUL (SFRH/BD/110857/2015).

**João Machado**

Emigrante em França e refractário do exército colonial português (1970). Membro fundador e da direcção da Associação dos Reformados Ex-Militares/Ex-Combatentes de França. Membro fundador da Associação dos Portuguesas de Sarcelles e Arredores. Membro fundador da Federação das Associações Portuguesas de França. Ex-Conselheiro das Comunidades Portuguesas de França. Ex-Membro do Secretariado do Conselho das Comunidades Portuguesas/França.

**Jonas Van Vossole**

PhD student at the Department of Political Science at Ghent University and at the Centro de Estudos Sociais at Coimbra University, Portugal. His current PhD research focusses on the influence of the euro crisis on democratic legitimacy in Southern Europe, and Portugal in particular.

**Josepa Cucó Giner**

Catedrática de Antropología Social de la Universidad de Valencia (España), ha desarrollado a lo largo de su carrera académica cinco campos preferentes: el campesinado y la sociedad tradicional; la amistad, los grupos informales y el asociacionismo; la vida política y las transformaciones de la izquierda revolucionaria; feminismo y género; y los procesos y desarrollos urbanos. Fruto de tales investigaciones son más de setenta publicaciones entre las que destacan tres libros recientes: *Metamorfosis urbanas. Ciudades españolas en la dinámica global* (Icaria, 2013) y *La ciudad pervertida. Una mirada sobre la Valencia global* (Anthropos, 2013), de los que es coautora y editora; *De la utopia revolucionaria a l'activisme social. El Movimentt Comunista, Revolta i Cristina Piris* (PUV, 2016).

**Júlia Leitão de Barros**

Doutorada em História Contemporânea pela FCSH, da UNL (com tese *O Jornalismo Político Republicano Radical. O Mundo, 1900-1907*) é investigadora da Instituto de História Contemporânea da mesma instituição. Lecciona disciplinas de História dos Media, História da Propaganda e Sistemas Mediáticos Comparados, na Escola Superior de Comunicação Social (ESCS). Coordena a Secção Estudos de Media e Jornalismo na ESCS. Das suas publicações destacam-se *Anglofilia e Germanofilia em Portugal na II Guerra Mundial* (Dom Quixote, 1989) e *Afonso Costa* (Círculo dos Leitores, 2002).

**Luís Filipe Maçarico**

Nasceu em Évora, em 1952. Antropólogo, Associativista e Poeta. Autor de vários artigos em revistas de Ciências Sociais, de investigações que originaram livros e de 20 publicações de Poesia.

**Maria Alice Samara**

Investigadora do Instituto de História Contemporânea, FCSH/UNL e bolsreira FCT.

**Mariana Rei**

Licenciada em Design (2006, Universidade de Aveiro) e Mestre em Antropologia – Especialização em Culturas Visuais (FCSH-UNL) desde 2015. Atualmente é Doutoranda em Antropologia (FCSH-UNL) e investigadora integrada no Instituto de História Contemporânea (IHC-NOVA), desenvolvendo trabalho no domínio da memória do trabalho em contextos (des)industrializados, articulando ferramentas metodológicas da antropologia e da história com as culturas visuais. O seu trabalho final de mestrado encontra-se publicado desde abril de 2016, com o título *Do Operário ao Artista. Uma etnografia em contexto Industrial no Vale do Ave*.

**Nuno Nunes**

Doutorado em Sociologia, investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), bolsreiro de pós-doutoramento da FCT e membro do Observatório das Desigualdades. Áreas de investigação: desigualdades sociais; classes sociais; ação coletiva; Estado-providência; sociedade do conhecimento; desenvolvimento humano.

**Otávio Raposo**

Investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, bolsreiro de pós-doutoramento da FCT e doutorado em Antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Participa de pesquisas na área de Culturas Urbanas, Segregação, Violência, Juventude, Cidadania e Imigração que deram origem a comunicações e artigos em congressos e revistas científicas nacionais e internacionais.

**Paula Godinho**

Antropóloga, professora na FCSH da Universidade Nova de Lisboa, e investigadora no Instituto de História Contemporânea. Tem obra publicada acerca de resistência e movimentos sociais, usos da memória e práticas do património, fronteiras e topografias do poder, festas e rituais. Fundadora da Red(e) Ibero-Americana Resistência e/y Memória. Prémio Taboada Chivite 2008 (Espanha).

**Paulo Marques Alves**

Doutorado em Sociologia pelo ISCTE-IUL. Professor Auxiliar do ISCTE-IUL e investigador no DINÂMIA’CET-IUL. Com interesses de pesquisa nos domínios do trabalho, do emprego, das organizações, do sindicalismo e das relações laborais, tem participado em vários projetos, sendo autor de várias obras nestes campos.

**Pierre Marie**

Doutorado em História contemporânea na Universidade de Coimbra e na Universidade de Caen-Normandie.

**Pompilio Locks Filho**

Mestre e doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio doutoral na Universidade Complutense de Madrid (UCM). Graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), investiga e possui publicações sobre os seguintes temas: democracia, políticas públicas, participação política e associativismo.

**Rita d'Ávila Cachado**

Concluiu doutoramento em Antropologia Urbana através do programa de doutoramento ISCTE/URV-Tarragona (2008). Fez trabalho etnográfico de longa duração com população Hindu na Grande Lisboa. É bolsista de pós-doutoramento (FCT/CIES-IUL) com projecto sobre história da Etnografia Urbana em Portugal. No 1º semestre do ano lectivo é professora Auxiliar Convidada no ISCTE-IUL na UC de Pesquisa de Terreno.

**Silvia Almenara Niebla**

Investigadora e doutoranda no departamento de sociologia e antropologia e do Instituto de estudos das mulheres da Universidade de La Laguna nas Ilhas Canárias, Espanha. Investigação financiada através do Programa de Ayudas a la Formación de Investigadores para la Realización de Tesis doctorales da Agencia Canaria de investigación innovación y sociedad de la información com financiamento do Fundo Social Europeu.

**Virgínia do Rosário Baptista**

Doutorada pelo ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, em História Moderna e Contemporânea. É investigadora do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL. Tem como principais áreas de investigação a história contemporânea de Portugal, com destaque para as áreas do trabalho feminino, movimento mutualista, saúde e origens do Estado-Providência.

